

A adolescência e suas dores¹

Adolescence and its pains

Marta Rezende Cardoso^{2*}

Resumo

Neste artigo, a problemática da adolescência é considerada como experiência subjetiva crucial e fronteira enquanto travessia da vida infantil à vida adulta. Nessa travessia a dimensão da relação entre o eu e o corpo e entre o eu e o outro é especialmente afetada, com o psiquismo sendo convocado a realizar árduo trabalho psíquico. A vivência de sofrimento e dor psíquica, em diferentes graus, relativa às múltiplas rupturas e perdas inerentes à adolescência, demanda trabalho análogo ao processo de luto, o qual se articula estreitamente com a questão da dependência e da autonomia subjetiva.

Palavras-chave: adolescência; fronteiras; alteridade, dor psíquica; dependência.

Abstract

In this paper, the issue of adolescence is considered as a crucial and border subjective experience as it crosses from childhood to adulthood. In this crossing, the dimension of the relationship between the ego and the body and between the ego and the other is especially affected, the psyche being summoned to perform arduous psychic work. The experience of suffering and psychic pain, in different degrees, related to the multiple ruptures and losses inherent to adolescence, demands work analogous to the grieving process, which is closely linked to the issue of dependence and subjective autonomy.

Keywords: *adolescence; borders; otherness; psychic pain; dependency.*

1 Artigo baseado em conferência de mesmo título proferida em 2020 na série Terça Psi online da *Constructo Instituição Psicanalítica*.

2 Psicanalista; Doutora em Psicanálise pela Universidade de Paris; Professora Titular da UFRJ – Pós Graduação em Teoria Psicanalítica; Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; Pesquisadora do CNPq.

A questão das dores na adolescência interroga a psicanálise sobre diversas vertentes implicadas nessa complexa passagem da infância à vida adulta. Como fenômeno próprio à subjetividade humana, a adolescência comporta uma multiplicidade de elementos, desde os que são relativos à vida cotidiana – à psicopatologia da vida cotidiana – até aqueles que concernem à psicopatologia no sentido mais estrito do termo. O objetivo central deste artigo é explorar a dimensão de sofrimento, o qual se pode considerar como inerente aos processos do adolescer e de suas dores.

A adolescência é uma problemática das mais importantes da subjetividade humana, de mesma relevância do *infantil*. Não me refiro aqui à infância, mas ao registro do infantil de estatuto fundamental como determinação maior na vida psíquica. A adolescência, como novo patamar nesse percurso, desempenha papel igualmente fundamental nessa ordem, promovendo abrangente ressignificação dos vividos, particularmente inconscientes, relativos ao infantil. Não por acaso é no decorrer da travessia da adolescência que as situações patológicas encontram frequentemente seu ponto de emergência.

Falamos muito do peso do infantil na subjetividade humana, porém, o adolescer constitui experiência crucial, ancorada, de uma só vez, no plano do arcaico, do primário e do edipiano. Esse novo patamar, a adolescência, advinda, como ressonância psíquica, da chegada somática da puberdade, abre novos caminhos na subjetividade de cada indivíduo. Dependendo da singularidade de cada história de vida, o confronto com a abertura e os entraves, de natureza interna e externa, terá caráter mais ou menos violento, nos limites de um traumático inescapável ou de um traumático desestruturante, o qual resultará, neste último caso, em saídas defensivas de caráter elementar e precário, podendo, mesmo, vir a comportar caráter extremo.

A presente reflexão se constrói no interior de um campo necessariamente fronteiro, concernente ao normal e ao patológico, sem diferenciá-los, portanto, de modo nítido ou esquemático. Minha finalidade é justamente pontuar as indiscutíveis linhas de continuidade entre uma dimensão e outra, posição, no entanto, distinta da suposição da ideia de uma indistinção entre elas. Tendo em vista essa perspectiva, para retomar a trilha das inevitáveis dores e sofrimentos na adolescência, faço apelo a uma inspiradora proposição de René Roussillon (2010) segundo a qual o adolescente seria um “migrante”, pelo fato de ele atravessar um período intermediário sob diferentes aspectos. Vale acrescentar que se trata de um período marcado por certa modalidade de vulnerabilidade psíquica. A imagem do migrante permite que seja ressaltado o estado de vulnerabilidade psíquica, o qual caracteriza – em maior ou menor grau – a adolescência.

Tendo em vista essa dimensão, comparável à travessia do migrante, a questão da “identidade” ocupa o centro desse processo. A experiência do migrante sugere precisamente que possamos dar ênfase à esfera do pertencimento, da origem, da terra de origem, sugerindo também a presença da radical transformação que aí tem lugar, aliada ao deslocamento, elementos com forte referência à ideia de espaço. O migrante é justamente aquele que se desloca de uma fronteira

à outra, atravessando uma região fronteira, à procura de um espaço próprio tal qual o caminho do sujeito adolescente em sua complexa travessia. Como desenvolvi em outro trabalho (CARDOSO, 2001), a adolescência é uma experiência marcada pela questão dos espaços psíquicos, incidentes, de uma só vez, sobre o eixo narcísico e o objetal. Assim sendo, pode ser considerada como uma problemática de fronteiras. “Essa transição da vida infantil para a vida adulta, transição potencialmente traumática, pode ser considerada como uma ‘situação fronteira’, tendo em vista a própria dinâmica psíquica” (CARDOSO, 2001, p.51). Essa dinâmica envolve, em articulação com o conflito pulsional e com sua economia, a relação com o objeto interno e com o objeto externo.

A mencionada proposição de Roussillon (2010) interroga-nos acerca do paradoxo que habita o âmago do adolecer: busca de um espaço próprio, identitário, revelador, de uma só vez, de vividos de insuficiência narcísica, ou seja, significativa fonte da vulnerabilidade psíquica de que esses sujeitos veem-se acometidos. O caminho rumo a uma terra estrangeira constitui uma ocupação, como tentativa de apropriação, de conquista de um espaço. Mas será necessário ganhar suficiente consistência narcísica – processo cujo núcleo é a relação eu/outro – para se ultrapassar a vulnerabilidade identitária, marca que me parece crucial nesse movimento.

O problema da identidade é indissociável do adolecer e diz respeito, em larga medida, à assunção de uma nova posição subjetiva. Mas a adolescência não constitui um estágio final nesse trabalho; ao longo da vida, a busca de si, nesse plano identitário, se manterá em permanente abertura. Cabe, porém, ressaltar que o adolecer é um processo especialmente relevante nessa busca de afirmação de uma posição subjetiva e isso, em primeiro lugar, para si mesmo. O sentimento de si é tratado por Winnicott (1965/1983) em termos de continuidade de si, interessante formulação, penso eu, pelo fato de despertar nossa atenção para uma dimensão igualmente temporal a qual, no que tange aos processos subjetivos, se articula estreitamente à dimensão espacial a que fiz referência anteriormente.

Junto ao viés espacial do deslocamento, a saída de uma condição de vida a outra opera singular lógica temporal; para se ocupar um novo espaço e se aceder à consciência de uma identidade singular o psiquismo deverá simbolizar a experiência passada, ocupando, ao mesmo tempo, o vivido presente e se projetando na temporalidade futura. O sentimento de continuidade de si resulta, portanto, de múltiplas temporalidades as quais vão sendo atravessadas, e isso de maneira permanente, conforme o demonstra a especial complexidade da temporalidade psíquica.

Como em outras passagens críticas das “idades da vida” o sentimento de continuidade de si é fortemente alterado na adolescência. Isso exige, por parte do psiquismo, um processo de recuperação, que se dá via apropriação de diferentes tempos. Em todas as travessias das idades da vida há sempre forte encontro com o familiar, via resgate do passado, mas, ao mesmo tempo, um disruptivo encontro com o “estranho”, com o estrangeiro, sob diferentes vertentes. No caso da adolescência,

intensas demandas da vida externa são colocadas ao sujeito, impondo-se simultaneamente a ele, em seu mundo interno, a apropriação do espaço corporal, sexual, o qual é objeto de radical e determinante transformação psíquica e que se dá a partir da emergência da puberdade.

A dimensão de migração, aspecto de onde parti na construção destas reflexões, fala da passagem da infância à vida adulta sem que se possa, entretanto, localizá-la no tempo cronológico. Esta é uma observação essencial na análise do problema das dores da adolescência, pois não se trata de um processo datado, ou seja, cuja possibilidade de superação estaria atrelada à idade do sujeito. Se assim fosse, o sofrimento ou essas dores psíquicas talvez nem existissem, já que, nesse caso, saberíamos de antemão que a vida adulta seria certamente atingida, o reconhecimento dessa condição sendo espontaneamente assegurado, conforme os moldes ritualísticos das culturas tradicionais. Como é sabido, a garantia dos antigos rituais de passagem, característicos das sociedades pré-modernas, a adolescência, como problemática subjetiva ou mesmo teórica, nem se colocava.

Acerca das dores da adolescência, interrogamo-nos, neste ponto, sobre os elementos latentes em jogo nessa migração que é a adolescência, tendo em conta o contexto da família moderna na qual essa experiência subjetiva configura efetivamente uma problemática. De que é feito esse trabalho subjetivo? A ideia de trabalho psíquico, definidora, no meu entender, dessa travessia, permite que nos afastemos da concepção de um já dado ou, conforme mencionei acima, de uma determinação ancorada numa visão cronológica. A este respeito, sublinho fortemente o papel do *sexual* na realização desse trabalho, ou seja, a demanda imposta ao psiquismo pelas radicais transformações operadas nessa área da subjetividade pela crise na dinâmica e na economia psíquica que o advento da puberdade vem impulsionar na subjetividade.

Este fenômeno biológico é, na verdade, muito complexo no caso do humano; fazendo eclodir a sexualidade em sua forma adulta, apesar de sua consolidação se dar somente nesse momento, o púbere encontra, como bem pontua Jean Laplanche (2001), um psiquismo literalmente ocupado pelo pulsional. A referida crise, no âmbito da economia e dinâmica pulsionais, provoca um curto-circuito: o corpo chega nesse momento ao seu ápice, permitindo o ato sexual e a capacidade de procriação; enfim, tudo aquilo que caracteriza a sexualidade do homem e da mulher na sua acepção biológica. Mas isso se dá num psiquismo ocupado por um sexual que se encontra ancorado no infantil, cujo caráter fundamental, já mostrava Freud – desde, ao menos, 1905 – é perverso polimorfo, direção frontalmente diversa do registro biológico, instintual. Trata-se, então, de uma confrontação crítica de dois caminhos os quais, do ponto de vista da constituição psíquica, estão desde sempre separados mediante relação de tipo tangencial. O caminho do instinto não é em absoluto coincidente com o da pulsão embora os entrecruzamentos e apoios/desvios entre eles sejam, na singularidade de cada sujeito, fundamentais e permanentes. Assinala Laplanche: “Na adolescência, então, temos a confluência de dois rios

de águas fortemente heterogêneas, das quais nada prova que chegarão a uma mistura harmoniosa. De um lado a pulsão e o fantasma infantil, do outro o instinto da puberdade” (LAPLANCHE, 2001, p. 26).

A questão do sexual na adolescência tem consequências relacionais essenciais. Não é só o corpo que impera nesse percurso onde o sujeito tem que se haver com as radicais mudanças pubertárias sobre as quais não tem controle. Trata-se de uma experiência de passivação diante das mudanças corporais com suas múltiplas implicações no plano da relação com o outro, tanto interno quanto externo. O sexual é inseparável desse plano por conta, em primeiro lugar, da singularidade da gênese da sexualidade infantil, mediada pela presença do *outro* que a ancora, campo desviante, pois resulta de um apoio-desvio, desvio em tangente com a linha do instinto.

Na adolescência, o encontro com esse sexual advindo, em última instância, do outro, vê-se completamente alterado; isso configura uma vivência, de certo modo, sofrida, dolorosa. Há nesse percurso uma demanda, acionada por várias rupturas as quais envolvem elementos críticos e que convocam a realização de árduo trabalho psíquico. Pontuam alguns autores (por exemplo, MARTY, 2014; TRIANDAFILLIDIS, 2010; POMMIER, 2011) que o trabalho de adolescência é análogo ao que Freud veio a denominar “trabalho do sonho” ou “trabalho de luto”. Não se trata de justapor trabalho de adolescência a trabalho de luto embora a questão da perda da vida infantil, perda dos pais da infância, da condição de proteção infantil – até mesmo de um corpo até então protegido do sexual pelo corpo infantil, protegido da ameaça de realização das fantasias incestuosas – configure um imperativo de elaboração psíquica. O advento de um corpo estrangeiro clama por apropriação psíquica, processo que faz parte da elaboração das múltiplas perdas às quais nos referimos e cujo núcleo central remete, em última instância, ao sexual. Elementos recalcados tendem, a partir de então, a retornar num intenso e incontornável reviver inconsciente de vividos arcaicos – primários, edipianos, ou seja, toda a história psíquica anterior vem à tona – mas agora num outro solo.

Trata-se de uma travessia comparável à mudança no âmbito das camadas arqueológicas, que a partir de então ganha novo desenho, sendo tudo reconfigurado a partir dessa mudança que radicalmente remaneja, não sem abalos, a subjetividade do adolescente, num movimento de migração de terrenos. A demanda do trabalho de adolescência é suscetível de ser considerada, como indiquei, em analogia com o trabalho do sonho. O trabalho da adolescência também faz com que o psiquismo venha dar conta de um material inconsciente, transformando-o, dando-lhe nova direção, condensando-o, deslocando-o, simbolizando-o, assim como se dá no âmbito do luto. Trata-se de um trabalho que demanda, fragmento por fragmento, o vir a se desvencilhar do objeto perdido o qual não poderá ser mantido tal e qual no psiquismo, ocupando-o.

Faz-se essencial dar espaço ao deslizamento dos objetos primordiais à possibilidade criativa do novo como abertura para algo diferente de uma fixação no mesmo. A qualidade do trabalho

da adolescência é o que determinará a condição dessa travessia, desde o normal ao patológico, a depender dos entraves e aberturas implicadas nesse trabalho. A revivência de vividos traumáticos (quando particularmente arcaicos) tende a funcionar como entrave impeditivo do adolecer. Isso significa, entre outros aspectos, impor obstáculo ao deslocamento, ao descolamento dos objetos primordiais. Referi-me anteriormente a essa operação de deslocamento em termos de migração, quer dizer, descolamento subjetivo dos objetos internos os quais já se constituíram como objetos de ocupação. Essa é uma condição anterior necessária, no sentido da alienação inicial do “eu à alteridade do outro”, estado de passividade originária diante da implantação advinda do inconsciente do outro. (LAPLANCHE, 2001; RIBEIRO, et al., 2017)

Trata-se de uma experiência incontornável, mas o ego deverá ser capaz de constituir suas fronteiras, formar certa delimitação de sua terra, digamos assim, de seu território próprio. É claro que a constituição do espaço próprio resulta, em primeiro lugar, de uma apropriação do que adveio do outro, não sendo, portanto, um território próprio cujo começo se situaria em si mesmo. Há vários níveis envolvidos nesse processo complexo identificatório de apropriação, desde aquilo que se considera como transmissão psíquica geracional até o encontro arcaico e inicial com o outro imediato e com o advento de um “terceiro”, sendo que o estado de alienação e de adesão desejante ao outro precisarão ser, de certo modo, superados.

O que encontramos como uma das determinações de um trabalho da adolescência mal realizado é, muitas vezes, a insistência de objetos internos que permanecem ocupando os bastidores do psiquismo (CARDOSO, 2014). Na adolescência, quando o sujeito sofre uma avalanche de perdas, nesse traumático balançar de múltiplas camadas arqueológicas da vida subjetiva, os pontos de fixação, as dores iniciais, as dores do desamparo que não encontraram porventura superação – desamparo que é condição também inescapável – a demanda de separação desempenha função crucial. Ela retorna agora de maneira intensa, até porque o conjunto das marcas iniciais referidas à perda do objeto retorna, e os possíveis entraves, as experiências traumáticas desestruturantes do infantil poderão impedir que o objeto interno venha a ser efetivamente perdido.

Os objetos internos precisam ser perdidos, no sentido do trabalho do luto, para que a constituição subjetiva venha a se dar realmente de modo diferenciado, quando o ingresso do sujeito terá lugar no laço social e isso de maneira diversa da vida infantil. Isso configura justamente o já mencionado descolamento dos objetos primordiais, parentais, deslocamento da referência ao cenário familiar como espaço central. Este deverá permanecer presente, mas passando à condição de fundo e não mais figura, para que o adolescente, nessa trajetória rumo à vida adulta, se perceba e se situe no mundo como alguém vinculado a um grupo social mais amplo. Trata-se da procura do seu lugar, situando-se no laço social, experiência que também é fonte de sofrimento e, eventualmente, de dor psíquica, por implicar importante ruptura com o microcosmo familiar.

Essas reflexões me levam aqui a mencionar, mas sem pretender me estender sobre esse aspecto, elementos que estariam hoje favorecendo ou dificultando a elaboração e superação dessas dores, ou seja, elementos que parecem interferir sobremaneira na qualidade da realização do trabalho da adolescência. Como eu havia dito, faz-se necessário que esses outros – os quais ocuparam o lugar de cuidado e proteção fundamental, como, inclusive, marca de outra geração – que se deixem “apagar”. Porém, a este respeito, sublinho que a dor das perdas na adolescência tem estreita correspondência no psiquismo das figuras parentais; para eles a travessia rumo à vida adulta na subjetividade de seus filhos é também uma experiência de migração. No caso, trata-se, dentre outras, da perda da sua condição de juventude, posto que a adolescência dos filhos é forçosamente correspondente à perda de sua juventude própria.

Para haver facilitação dessa passagem nos sujeitos adolescentes, os quais, conforme temos desenvolvido, tentam inaugurar novo lugar subjetivo rumo à vida adulta, essa condição não deveria atrair por demais a outra geração, com a sedução que lhes é inerente, pelo fascínio do sexual ou pelo desabrochar de projetos de vida, em aberto nos jovens, diferentemente do estágio de vida em que se encontra essa outra geração. Roussillon sublinha um importante aspecto envolvido nessa questão:

Uma parte das reações hostis dos adultos diante das manifestações da adolescência me parecer ter ligação com a dimensão de inveja dos adultos e às formações reativas que neles esta desperta. O adolescente tem ‘uma vida inteira diante de si’, ele é rico no conjunto de suas potencialidades, rico em sua juventude e no que pode agora potencialmente realizar em relação aos adultos que portam por vezes os estigmas daquilo que não puderam realizar de suas aspirações passadas (ROUSSILLON, 2010, p. 248, grifo do autor).

As dores da adolescência podem se coadunar, e de maneira mal entrecruzada, com aquilo que seria a dor própria a essa outra migração que constitui o envelhecer – experiências subjetivas que necessariamente se conjugam. Mas a geração precedente precisaria se deixar “dissolver” para que os adolescentes promovessem o “assassinato” dela no sentido simbólico. No entanto, as condições contextuais, de certas configurações subjetivas que marcam os tempos atuais, não se revelam especialmente favoráveis a este respeito. Hoje assistimos ao culto da juventude, por exemplo – para citar apenas um aspecto desse contexto sócio-cultural –, e, portanto, a dificuldade por parte daquele que envelhece de se colocar ou de se ver de maneira suficientemente valorizada nessa condição. Essa vulnerabilidade se apresenta hoje de maneira violenta, levando, conforme acima assinalado, a uma relação, muitas vezes, de competição com os jovens, com formações reativas por parte desse meio. Isso não concerne apenas aos pais dos adolescentes, mas a questão é que os adolescentes se veem num contexto geral onde o envelhecimento não é, de forma alguma, socialmente e culturalmente valorizado.

Como realizar o trabalho da adolescência de maneira favorável quando esses que pertencem

à geração anterior não apontam para nenhuma idealização do envelhecer? Há no caso um choque de gerações, uma espécie de “mal entendido” nessas gerações, gerador de um “além do mal-estar” (CARDOSO, 2018). Isso talvez constitua um dos fatores determinantes, ainda que dentre muitos outros, na presença expressiva a que assistimos na clínica atual da adolescência de respostas patológicas que envolvem uma situação de dependência: adições em geral, patologias do corpo, passagens ao ato. Muitas vezes é preciso passar pelo ato como condição para realizar o trabalho do adolescer e superar a situação de dependência infantil. O trabalho da adolescência envolve “atos de passagem”, ou seja, atos que podem ser considerados como recursos, mas desde que funcionem como uma espécie de medida de transicionalidade capaz de auxiliar no afastamento dos objetos internos onipotentes, que não se deixam apagar. No caso das passagens ao ato, a situação é outra e – como nos mostra, por exemplo, Jung & Roussillon (2013) – nos fala precisamente da falta dessa dimensão transicional que o ato poderia comportar.

A impossibilidade de separação não se dá, muitas vezes, pelo temor da perda – fala-se muito dessa ameaça – mas, penso haver aí um outro lado muito importante da questão: a impossibilidade de perder esse objeto o qual, de alguma maneira, insiste na sua própria presença interna. Quanto a isso, não me refiro necessariamente a uma relação com um objeto parental excessivo e literal em sua presença – isso, por vezes, pode, claro, ocorrer –, mas faço menção muito mais a uma história subjetiva que pode ser marcada desde a vida infantil por uma relação dolorosa no sentido de o eu do sujeito não poder constituir-se narcisicamente de modo mais “desocupado”, no sentido da conquista de um território próprio a partir de sua experiência de migração do infantil à vida adulta.

Trata-se, nesses casos, de uma ocupação do território que não permite uma efetiva conquista dessa terra estrangeira que define, de alguma maneira, o próprio adolescer. Poder conquistar essa terra estrangeira, assumir essa nova posição subjetiva, pressupõe o descolamento e relativo afastamento da terra de origem. Mas se o ego vê-se dela prisioneiro, essa conquista será muito mais árdua podendo ser, inclusive, em certos casos, missão impossível. Neste caso, as saídas defensivas, muitas vezes atuadas ou paralisantes, serão resultantes do vivido de efetiva dor psíquica no sentido estrito do termo, distinta da presença de angústias as quais permitiriam a abertura de caminhos e de transformação criativa. Estamos aqui diante de uma experiência de dor radical, ancorada numa base traumática em uma acepção desestruturante.

A questão da separação, sob diferentes níveis e facetas, é essencial para a compreensão do sofrimento e das dores próprias à adolescência; porém, não concerne apenas à ameaça da perda. Quanto a este ponto, para o qual procurei sugerir neste artigo algumas vias de exploração, cito, à guisa de conclusão, uma proposição exemplar e muito sugestiva de Jacques André: “(...) na angústia de separação, não é, apesar das aparências, a separação que é angustiante mas a sua impossibilidade” (ANDRÉ, 2004, p. 55).

Referências

ANDRÉ, J. “Entre angústia e desamparo”. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro, v. IV, n.2, jul/dez de 2011, p. 95-109.

CARDOSO, M. R. “A Adolescência e violência: um questão de ‘fronteiras’?”, in Cardoso, M.R. (Org.) *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Nau editora/Faperj, 2001, pp. 41-53.

_____ “Adolescência e dependência: a recusa da diferença”. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro, v. 17, n. esp., ago. 2014, pp. 63-74.

_____ “Novo retorno do traumático na psicanálise hoje: Além do mal-estar?”. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro, 21 (2), v. XXI, n. 2, mai/ago. 2018, pp. 149-157.

JUNG, J. & ROUSSILLON, J. “L’identité et le double transitionnel”. *Revue française de psychanalyse*, Vol. 77, 2013/4, pp. 1042-1054.

LAPLANCHE, J. “Pulsão e instinto: oposições, apoios e entrelaçamentos”, in Cardoso, M. R. (Org.) *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Nau editora/Faperj, 2001.

MARTY, F. “Separation, dépendance et depression à l’adolescence”. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro, v. 15, n. esp., 2014, pp. 111-126.

POMMIER, F. “Deuils interminables. Regrets éternels”, in Morhain, Y. (Org.). *L’adolescence et la mort: approche psychanalytique*. Paris: In Press Éditions, 2011.

RIBEIRO, P. C; CARVALHO, M. T.; CARDOSO, M. R & TARELHO, L. C. *Por que Laplanche?* São Paulo: Zagodoni, 2017.

ROUSSILLON, R. *Précarité et vulnérabilité identitaires à l’adolescence*. *Revue Adolescence*, v. 28, n. 02, 2010. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2010-19295-001>. Acesso em: 29 de janeiro de 2023.

TRIANDAFILLIDIS, A. “Stratégies d’immortalité”. *Adolescence*, v. 28, n. 02, p. 443-460, 2010.

WINNICOTT, D. (1965) *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1983.